
Jornalismo Econômico: Uma Análise de conteúdo sobre os cadernos da editoria da ‘Folha de S. Paulo’ e do ‘Estado de S. Paulo’ acerca da cobertura da greve dos caminhoneiros

Matheus Damasceno Inácio da Silva¹

Larissa Ribeiro da Silva de Oliveira²

Daniela Amado Rabelo³

RESUMO

Este estudo preliminar pretende analisar o conteúdo apresentado sobre as paralisações dos caminhoneiros nos cadernos da editoria de economia do Estado de S. Paulo e da Folha de S. Paulo, identificando o perfil de suas respectivas coberturas. Bem como também, o impacto do avanço tecnológico, linguístico e gráfico ao longo de quase duas décadas.

PALAVRAS-CHAVE: Greve; Caminhoneiros; Produção; Jornalística; Economia

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo brasileiro mostrou-se em constante evolução com o passar dos anos. Esse progresso foi acompanhado de transformações tecnológicas, bem como também, a adoção de novas formas e fórmulas de comunicar pelos veículos e de seus profissionais no país e no mundo.

As transformações realizadas diminuíram os espaços-tempos e aproximaram a notícia do receptor. Atualmente, basta abrir o Twitter, ou qualquer outra rede social no smartphone, para ser impactado por diversas informações e fatos que mobilizam e instigam a opinião pública.

Um destes fatos que acabou por mobilizar a sociedade nos últimos tempos, foi a ‘Greve dos Caminhoneiros’. Realizada em Maio de 2018, a paralisação impactou de forma penosa sobre todas as classes e castas dos cidadãos brasileiros. Do trabalhador assalariado aos deputados federais.

¹ Graduando em Jornalismo da Faculdade Anhanguera de Brasília, e-mail: mastmatheus@gmail.com.

² Professora e Orientadora do estudo/matéria da Faculdade Anhanguera de Brasília, e-mail: profslarissaribeiro@gmail.com.

³ Professora e Orientadora da pesquisa analítica produzida, e-mail: daniela.a.rabelo@gmail.com

A suspensão das atividades dos meios de produção comercial do país resultou em prejuízos aos cofres públicos, de empresas, empresários, além da vida de inúmeros cidadãos em todo o território nacional. Esse fato mobilizou intensamente a editoria de economia de dois dos jornais mais conceituados do país: *Estado de S. Paulo*/ Estadão (Economia & Negócios) e *Folha de S. Paulo* (Mercado). Analisar o conteúdo apresentado pelos cadernos da editoria financeira destes jornais é o foco desse artigo a partir de agora. No entanto, a análise terá a adição de outras duas paralisações feitas pela classe: Julho de 1999 e Fevereiro de 2015.

Realizada com o intuito de analisar a cobertura e a divulgação das respectivas editorias, a pesquisa encontrou avanços estruturais na produção jornalística desde a primeira paralisação, em Julho de 1999. Além disso, indicou também um contínuo aprofundamento dos cadernos na cobertura dos eventos, seja por meio das ferramentas gráficas, aumento do número de matérias produzidas ou pela utilização dos meios digitais para a propagação de seu conteúdo.

Além de apresentar as conclusões alcançadas sobre esta análise de conteúdo de dois, dos veículos impressos de maior circulação no país, esse artigo irá abordar também a História do Jornalismo Econômico no Brasil.

2 METODOLOGIA

A produção dessa análise foi possível, a partir da realização de um levantamento do conteúdo produzido pelas editorias de economia dos jornais *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, durante as greves dos caminhoneiros de 1999, 2015 e 2018. A escolha destes três espaços temporais distintos, baseia-se nas mudanças econômicas e tecnológicas apresentadas e acrescentadas às redações e rotinas jornalísticas, ao longo destas quase duas décadas. Deste modo, o levantamento dos dados serviu para identificar diferenças na apresentação dos produtos jornalísticos, dos periódicos escolhidos. Bem como também, examinar detalhadamente o tratamento de cada veículo dado aos assuntos financeiros.

A cada greve foi levantado e analisado a quantidade e a qualidade da produção jornalística dos respectivos veículos. Para isso, fora definida três categorias de análise:

A diagramação e composição gráfica; a utilização do meio digital para propagar seus materiais relacionados a paralisação e a linguagem apresentada nas matérias. Para fins de uniformizar esse último tópico, foi determinada também a escolha de reportagens que abordassem assuntos semelhantes. Desta forma, houve a escolha de um texto de cada editoria para que fosse analisado e buscado encontrar diferenças textuais e, ainda a utilização do ‘economês’.

Ainda em fins de uniformização, foi definido que a análise englobasse também outros quatro dias após a paralisação. Dessa forma, a pesquisa contém não apenas os dias de cobertura do fato, mas também os quatro dias após o término da paralisação. No caso de 1999, a análise do conteúdo dos jornais durante 8 dias (4 de Greve e 4 Pós Greve). Já em 2015, analisou-se o material divulgado durante 18 dias (14 de paralisação e 4 de pós greve). Em 2018, a paralisação teve proporções nunca antes vistas e a duração de 11 dias. Com o adendo dos 4 dias após o ato, o levantamento englobou 15 dias.

3 HISTÓRIA DO JORNALISMO ECONÔMICO

O Jornalismo Econômico nem sempre teve o destaque como o que possui atualmente nos noticiários impressos. O começo da editoria se deu de forma capenga, logo no início do Séc. XX. Mais precisamente em meados de 1920, quando o Estadão, então *Estado de S. Paulo* publicava uma coluna diária com o sugestivo título: “Magnos problemas econômicos”, que era assinada por Cincinato Braga. Além dele, o ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde também manteve por anos uma coluna em “*O Jornal*”, com comentários sobre o mercado cafeeiro.

“*O Jornal*” foi comprado em 1924, por um dos grandes visionários do Jornalismo impresso no Brasil: Assis Chateaubriand. O veículo foi o primeiro jornal a fazer parte do conglomerado: Diário dos Associados.

Foi nesta época também, que a imprensa demonstrou o interesse por seções de mercado e passou a informar sobre o mercado, fechamento e a cotação para os produtos exportados. “A partir disso, fatos e mudanças de percursos fizeram a editoria de

economia dar sobressaltos em sua relevância dentro do Jornalismo Brasileiro” (CALDAS: 2003, P. 13).

No início da década de 50, a Folha de SP iniciava a caminhada na editoria de economia e finanças. Os fatos informados estavam em torno da agricultura, comércio, economia internacional, indústria e da cotação da bolsa. O conteúdo divulgado na época tinha tons modernizadores, ufanistas e desenvolvimentistas com uma retórica nacionalista sobre as riquezas do país. Além disso, a imprensa apresentava uma característica de retratar os interesses governamentais no campo econômico, para que assim o governo obtivesse êxito na missão de atrair capital estrangeiro para modernizar a indústria nacional (QUINTÃO, 1987).

Ao longo do tempo, a editoria de economia sofreu algumas transformações, seja pela introdução de novas ferramentas, seja por acontecimentos marcantes que movimentaram a cobertura e o empenho na área de finanças. Um desses fatos marcantes, que é lembrado por muitos comunicadores da área até os dias de hoje, é a censura imposta durante o governo militar, nas décadas de 60,70 e 80.

O boom do Jornalismo Econômico iniciou a partir da criação do AI5, em 1968. AI-5 ou Ato Institucional 5: Foi a medida mais dura emitida pelo, então presidente do regime, Artur da Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. A determinação impôs intervenções em diversas áreas do país. Não importava o que fazia, ou quem era o autor. Mas sim, se era contrário ao regime dos militares.⁴

A intervenção estatal dos militares também afetou a imprensa. O regime escolhia um moderador, e este seria os olhos de lince nas redações jornalísticas. Essa prática tinha o intuito de enfraquecer e tornar nula toda idéia e fatos que poderiam causar repulsa ao governo. Todo e qualquer fato que poderiam ser negativos ao regime e às nações aliadas eram barradas pelo moderador. Dessa forma, e com o ‘boom’ econômico da época, a editoria ganhava corpo, na medida em que a editoria de política perdia.

Também ao final da década de 60, um ciclo econômico se iniciava no país. Esse fato mobilizou a cobertura jornalística com o decorrer dos anos, e de certo modo enfraqueceu os anos seguintes do regime autoritário.

⁴ Informações retiradas a partir da Constituição Federal disponibilizada pelo Planalto na Internet. Acessada em 3.nov.2018.

O início deste ciclo se deu com o país aproveitando o momento em que bancos internacionais empregavam baixas taxas de juros à quem solicitava a concessão monetária. Desta forma, o governo brasileiro solicitou empréstimos às instituições financeiras norte americanas, europeias e japonesas. Em contraoferta, o governo tupiniquim concedia incentivos fiscais reduzindo impostos para aumentar as exportações do país.

A tática funcionou. O regime reverteu a elevada inflação alcançada em seu primeiro ano à frente do país. De um acumulado de 92,12% na média anual, os militares conseguiram, em seu auge na economia, diminuir a elevação para 15,54%, em 1973. Além disso, o Produto Interno Bruto nacional cresceu 14% entre os anos de 1968 e 1973. Este feito foi conhecido como o “Milagre Econômico” pela imprensa nacional e internacional. Este crescimento chamou a atenção dos jornais da época e fez com que as editorias de finanças crescessem.

No entanto, ao final de 1973, o “Milagre Econômico” começou a entrar em declínio. Com o aumento do preço na comercialização do barril de petróleo, os países tiveram que pagar mais pela reserva natural importada. Desta forma, o Brasil acabou por aumentar sua dívida externa e adentrar em uma forte recessão. Quem ganhou com isso? As editorias de economia, que passaram a ter que acompanhar e informar os fatos que envolviam a economia nacional e mundial (GOTTLIEB; PAVARINO, 2010).

Os anos se passaram e a crise não. Em 21 anos de militares à frente do governo brasileiro, a inflação cresceu a níveis alarmantes de 200%. Em 1985, quando o país teve sua redemocratização, o acumulado da inflação alcançou a marca histórica de 242,24 %⁵.

Os militares saíram do poder, entretanto, a economia continuou de mal a pior. Em março de 1985, o primeiro presidente após a redemocratização assume de forma interina, mas que posteriormente seria de forma definitiva.

José Sarney chegou ao poder, após o colégio eleitoral da época escolher a sua chapa para assumir a presidência da república na redemocratização. O Peemedebista era o vice da chapa encabeçada por Tancredo Neves (Partido Popular). O mineiro morreria

⁵ Informações retiradas a partir de infográfico produzido pelo [R7](#) com informações disponibilizadas pelo IBGE. Acessado em 3.nov.2018 às 17:15.

dia após a sua 'posse'. Sarney não teve muito êxito em suas políticas econômicas, que se resumiram a duas moedas, congelamentos de preços e salários, e ao crescimento da inflação, que chegou a 1972,91%.

Após cinco anos, Fernando Collor sobe a rampa do Palácio do Planalto com a dura missão de recuperar a economia nacional. Conseguiu ter êxito na redução da inflação em um primeiro momento, muito em favor da política apresentada de desestatização e abertura comercial. No entanto, mesmo com algumas políticas favoráveis à captação de capital estrangeiro, a economia voltou a entrar em recessão no segundo ano de mandato. Collor ainda teve problemas de corrupção a lhe - afligir em 92, o que o fez a renunciar ao mandato.

Com todas essas mudanças e situações inconsistentes no campo da economia brasileira que atingiam indivíduos com maiores e menores condições financeiras, “uma informação sobre as taxas de inflação, ou das cadernetas de poupança, ou dos reajustes cambiais, [...] torna-se tão importante para [...] seus leitores quanto o valor intrínseco das próprias moedas” (QUINTÃO, 1987, p. 82). Desta forma, a cobertura e a agilidade na divulgação da matéria aos receptores eram fundamentais.

Embora a situação financeira do país tenha melhorado significativamente, em comparação aos anos 80, o Brasil ainda tinha dificuldades, e engatinhava com as ‘novas’ políticas econômicas propostas pelo governo Itamar Franco (1992-95). Mudança de moeda, menor intervencionismo estatal no mercado, ‘abertura’ comercial, controle da inflação e prosseguimento ao programa de desestatização de empresas chamaram a atenção de investidores estrangeiros interessados em investir no país.

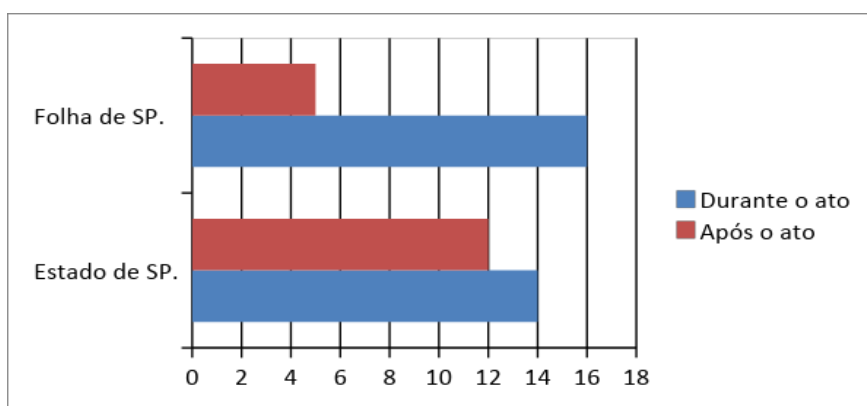
Em 2 anos a frente do país, o mineiro conseguiu diminuir a inflação e fez o Brasil voltar a crescer. O PIB alcançou 4.9% e 5.8%, respectivamente. Entretanto, foi Fernando Henrique Cardoso, quem aproveitou da situação financeira sem maiores problemas inflacionários e econômicos.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 Julho de 1999

A greve dos caminhoneiros de 1999 foi a que teve a menor duração: quatro dias. Naquela época, a cobertura jornalística não era como as que são oferecidas pelos veículos atualmente. Segundo o representante do Movimento União Brasil Caminhoneiro na época, Nélio Botelho, cerca de 700 mil caminhoneiros cadastrados participaram da paralisação. Durante esse tempo, as editorias de Folha e Estadão produziram 30 matérias sobre o fato e as suas decorrentes causas. Dessas, 14 foram produzidas pela ‘Economia & Negócios’ - Estadão. Enquanto isso, a equipe da ‘Folha Dinheiro’ divulgou 16 reportagens.

Tabela 1



Ao todo, foram produzidas 26 matérias pela equipe do Estado de SP. Enquanto a Folha publicou cerca de 21 reportagens

Em relação ao pós-ato grevista, as editorias dos veículos produziram dezessete matérias, em quatro dias. Dessas, 12 foram produzidas pela equipe da ‘Economia & Negócios’ e 5 foram divulgadas pela ‘Folha Dinheiro’. Ao todo, 47 matérias foram divulgadas neste tempo. Mas o que de relevante é destacável qualitativamente? Neste tempo, foram contabilizados 10 gráficos e artes, de forma com que facilite o entendimento do leitor: 7 infográficos produzidos pela equipe da Folha e 3 divulgados pelo Estadão.

Além disso, a Folha utilizou de fotos para ilustrar o momento, em 16 oportunidades. Já o *Estado de S. Paulo* decidiu por usar esse mecanismo 11 vezes em 26 matérias. Em questão de diagramação, o Estado abusava da utilização de olho em suas reportagens. Já a Folha publicava uma diagramação mais organizada, sem o uso demasiado de qualquer conceito gráfico. Em comum, os dois utilizavam de caixas para estruturar graficamente suas páginas.

Dentre as duas matérias analisadas, “*Acordo deve elevar o preço da gasolina*”⁶ traz uma linguagem mais superficial, popular, para que os seus leitores tenham uma maior facilidade no entendimento da matéria. Enquanto isso, “*Greve causou aumento de até 80% nos preços*”⁷ prima pela utilização de números, estatísticas e porcentagens, que possibilitam maior aprofundamento sobre o tema.

Ambas não utilizavam de forma clara o ‘Economês’. No entanto, a utilização de números, porcentagens e estatísticas pela editoria do Estadão se sobrepõe a matéria da Folha. Esta característica é identificada já no *Lead* do texto.

A cobertura, realmente, mobilizou as editorias, Suely Caldas ressalta as características de cada veículo impresso. Uma delas é a importância dada à economia pelo Estadão.

“Entre os jornais não especializados, é o que dedica maior espaço à economia, com caderno diário de 10 ou mais páginas. Pela importância que atribui à economia, é frequente a matéria de abertura do caderno ir para a manchete do jornal. A macroeconomia é forte, mas nunca deixa de publicar notícias de negócios, quando possível em mais de um a página. O que fortalece a tradicional imagem de jornal brasileiro que mais destaca assuntos internacionais. Seu caderno é o único que publica editorial na página de opinião, onde o leitor encontra também duas colunas econômicas, e um artigo, quase sempre de um colaborador” (CALDAS; 2003, p. 44).

⁶ Matéria divulgada pela Folha de S. Paulo em 30/7/1999

⁷ Reportagem publicada pelo Estado de S. Paulo em 31/7/1999

Já a Folha traz um caderno mais enxuto e opinativo com os fatos diário que movimentam as questões financeiras diariamente.

“Com o título Folha Dinheiro, o caderno de economia tem sete páginas de notícias, divididas com espaço publicitário, e três de cotações. Como no Estadão e O Globo, o texto de abertura que sempre é de alguma decisão do governo, indicador econômico, declaração de um ministro, ou seja, um tema voltado para a macroeconomia. A opinião, marca registrada da linha editorial da Folha, tem lugar de destaque na página dois do caderno, com a coluna “Painel S.A” e um artigo de algum colaborador fixo, além da coluna de Luís Nassif, na página três” - (CALDAS; 2003, P. 44).

4.2 Fevereiro de 2015

Em 2015 aconteceu a paralisação de maior duração: 14 dias. Os caminhoneiros realizaram a interdição de 124 rodovias, por todo o território nacional. Entretanto, a cobertura jornalística nos impressos escolhidos só deu espaço para uma pequena nota no rodapé do jornal, durante os quatro primeiros dias.

Governo do Ceará suspende construção de aquário gigante

Carmen Pompeu
ESPECIAL PARA O ESTADO
FORTALEZA

O governo cearense determinou a paralisação do contrato com a empresa americana International Concept Management (ICM) Reynolds, responsável pela construção do Acquário Ceará. A obra – orçada em US\$ 110 milhões, com financiamento do Exim Bank americano, contratado pelo Governo do

Ceará – está parada desde o dia 30 de dezembro. De acordo com a empresa, por causa do atraso no repasse do pagamento por parte do governo.

A interrupção do contrato foi publicada no *Diário Oficial* do Estado. A ordem partiu do novo secretário de Turismo, Arialdo Pinho, ex-chefe da Casa Civil nas duas gestões de Cid Gomes como governador do Ceará. Segundo explicou o secretário, como a empresa contratada havia

paralisado os trabalhos, o governo também decidiu suspender o contrato para uma análise de requerimentos feitos pela ICM.

“Nos próximos 60 dias, será feita uma auditoria para saberemos a situação da obra”, disse Arialdo, descartando qualquer mudança de contrato. A medida foi tomada, justificou o secretário, pela necessidade de se fazer um levantamento de toda a situação da obra e do contrato, diante de uma nova gestão.

O Acquário Ceará, uma estrutura gigantesca que está sendo erguida na praia de Iracema, em Fortaleza, é alvo de polêmicas desde a apresentação do projeto pelo então governador Cid Gomes, em 2011. Parte da população é contra a obra por considerá-la cara e desnecessária em um Estado que tem muitas outras prioridades.

Na gestão de Cid Gomes, a Secretaria de Turismo defendia a obra alegando que o aquário vai aumentar e qualificar o turismo no Ceará. O equipamento contará com 38 tanques de exibição, com capacidade para 15 milhões de litros de água.



Estrada fechada em MT

Caminhoneiros pararam ontem a BR-163, em Mato Grosso. Eles protestam contra a alta no preço do diesel, que inviabiliza o frete, e as condições das estradas.

Nota do Estadão publicada no dia 19/02/2015

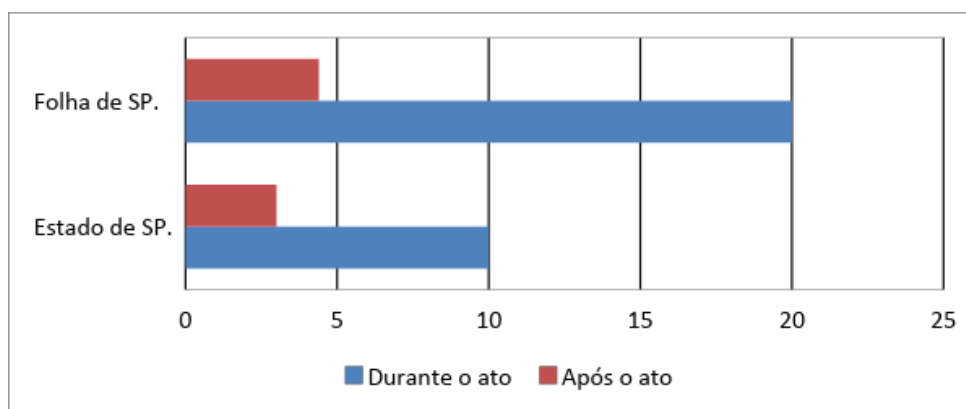
A cobertura daquele ano tinha a adição da concorrência do meio digital, a Internet. Enquanto o impresso só poderia noticiar os fatos uma vez no dia, a ferramenta virtual fazia a comunicação de forma *on-demand* com o seu leitor/receptor. Desta

forma, os veículos impressos passaram a aprofundar cada vez mais a produção de seus materiais.

Para o meio digital, o *Estado de S. Paulo* produziu cerca de 39 materiais. Destes, 28 foram divulgados na página destinada a editoria na Internet. Enquanto isso, a Folha publicou 72 materiais, sendo 43 divulgadas na página de finanças do veículo.

Durante os quatorzes dias de paralisação, as equipes de Folha e Estadão produziram 30 matérias sobre o acontecimento e seus desdobramentos para os seus respectivos jornais impressos. Enquanto a ‘*Folha Mercado*’ divulgou cerca de 20 reportagens, o ‘*Economia & Negócios*’ disponibilizou ao leitor, apenas, 10. No entanto, na análise do pós-greve, somente cinco matérias foram contabilizadas sobre o fato.

Tabela 2



A Folha publicou 22 matérias relacionadas ao ato. Enquanto isso, o Estadão realizou 13 reportagens.

Vale destacar, que com o acontecimento, os cadernos ganharam mais volume de matérias e uma quantidade maior de páginas diagramadas. Em média, o Estadão produziu 11,7 páginas. Enquanto isso, a *Folha de SP* encaminhou aos assinantes 9,7 páginas, durante a paralisação.

Ainda sobre a questão gráfica, o *Estado de S. Paulo* produziu 2 infográficos e publicou 10 fotos, nas 13 matérias produzidas. Enquanto isso, a *Folha de S. Paulo*

realizou 4 gráficos e 13 fotografias para ilustrar, contextualizar e facilitar o entendimento do fato aos seus leitores, em 22 reportagens.

No tocante a análise sobre o material apresentado, *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* não apresentaram diferenças em suas respectivas matérias. Tanto “*Bloqueio prejudica abastecimento*”⁸, quanto “*Protesto vai a 14 estados e afeta Ceagesp*”⁹ utilizaram de conceitos gráficos para informar melhor o leitor. Diferentemente de 1999, ambos os veículos utilizaram de linguagem mais superficial e popular, de fácil entendimento ao leitor. No entanto, a *Folha* surpreendeu ao utilizar mais de números e porcentagens, em sua reportagem.

4.3 Maio de 2018

A paralisação de maio deste ano, sem sombra de dúvidas, foi a de maior repercussão, devido ao fato de haver uma maior integração da sociedade brasileira, através das ferramentas promovidas pela internet e pelo número de materiais produzidos por cada impresso. Além disso, os estragos produzidos pela greve afetou grande parte da população brasileira, como nunca antes registrado na história das paralisações dos caminhoneiros.

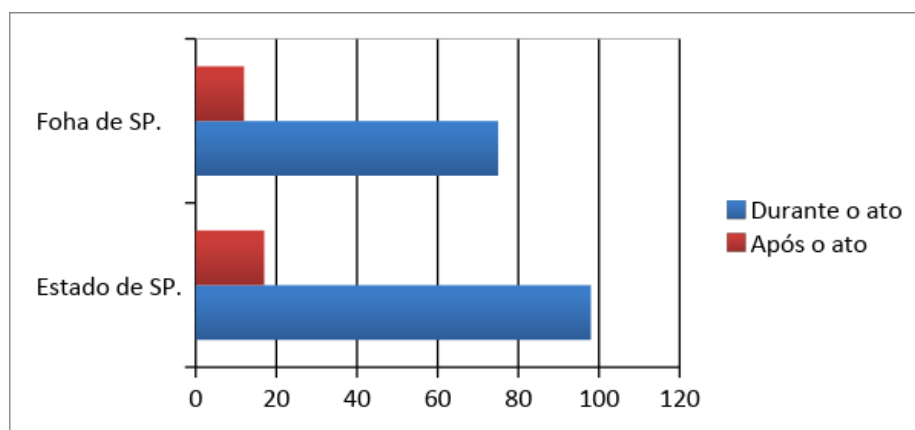
A greve durou 11 dias. Diferentemente das anteriores, em 2018, houve desdobramentos da paralisação em todos os estados do país, com exceção ao Amapá.

Ao longo dos 11 dias de paralisação foram produzidas pelos cadernos cerca de 173 matérias que abordavam o ato e as decorrências que afetavam a população. Dessas, 98 foram produzidas pelo *Estadão*, e 75 pela *Folha*. Após o dia 1º de junho, dia em que foi oficializado o fim da greve, os veículos produziram em torno de 29 matérias, sendo 17 reportagens divulgadas pela ‘*Economia & Negócios*’- *Estado de S. Paulo*, e outras 12 pela equipe da ‘*Folha Mercado*’.

⁸ Reportagem divulgada pelo Estado de S. Paulo em 25/2/2018.

⁹ Matéria publicada em 26/2/2018 pela *Folha de S. Paulo*.

Tabela 3



A cobertura jornalística promovida pela editoria do Estadão atingiu a marca de 115 publicações. Já a Folha realizou 87 matérias relacionadas aos fatos ocorridos.

Vale destacar, que com uma maior utilização das redes sociais e sua interatividade e instantaneidade, os veículos deram destaque e maior aprofundamento nos materiais que tinham em mãos. Isso significa que as matérias eram mais aprofundadas, trabalhadas e apuradas na redação, antes da divulgação dos periódicos. Para ilustrar isso, destaca-se as 48 fotografias e as 41 artes produzidas pela *Folha de S. Paulo*, na ilustração de 87 reportagens. Já o *Estado de S. Paulo* utilizou 76 fotos e 18 gráficos em 115 matérias divulgadas.

Ainda em relação a diagramação, vale ressaltar o número de páginas diagramadas e concebidas aos cadernos dos jornais. Enquanto a *'Folha Mercado'* divulgava suas matérias sobre uma produção média de 7,7 páginas, o Estadão, com o *'Economia & Negócios'* produzia, ao todo, uma média de 14,4 páginas, ao longo dos 15 dias de levantamento.

No entanto, os veículos utilizaram muito mais de seus meios digitais para propagar seu produto. Diferentemente de 2015, juntos, os veículos publicaram cerca de 1.550 materiais jornalísticos, em seus portais de notícias. Somente em sua página de economia, o Estadão fez 537 publicações. Ao mesmo tempo, a *'Folha Mercado'* divulgou 242 materiais, entre reportagens, artigos e editoriais.

Em relação a questão linguística, foram analisadas duas matérias sobre a situação fiscal do país e as consequências promovidas pela Greve. A “*PIB mostra retomada lenta, e parada dos caminhoneiros piora o cenário*”¹⁰ utiliza das análises feitas por profissionais do setor financeiro e de infográficos para contextualizar a situação. Mesmo havendo a utilização de termos econômicos, como: PIB, elevação, variação, cases, a editoria da Folha optou por não dificultar o entendimento ao seu leitor.

Em contrapartida, “*Crise pode custar R\$27 BI ao governo*”¹¹ oferece um maior aprofundamento sobre o uso do economês, já que a reportagem incide sobre taxas e palavras que remetem a conceitos econômicos, como: Alíquota, PIS/Confins e CIDE.

4.4. Conclusão da análise

A análise dos três fatos semelhantes, mas de épocas distintas indica a um maior cuidado e aprofundamento com o fato divulgado pelos veículos, nos seus periódicos.

Ao longo do tempo, ferramentas foram introduzidas à jornada jornalística. Internet, redes sociais, smartphones, interatividade, instantaneidade, enfim, todas essas novidades fizeram com que os meios e veículos se adaptassem a esse novo tempo. As novas tecnologias impactaram e conquistaram os novos e velhos receptores dos mais distintos meios e veículos presentes na comunicação.

Observou-se que, os fatos sempre dividiam atenções com as questões que mobilizavam a estrutura econômica brasileira. Por exemplo: em 1999, as questões de câmbio e a abertura comercial agitavam a editoria; Já em 2015, os problemas políticos do governo de Dilma Rousseff (PT) e as questões fiscais chamavam a atenção; Em 2018, as questões fiscais chamavam a atenção, mas era perceptível que o fato em destaque era a paralisação e as ações decorrentes que atingiam as diversas castas da população brasileira.

¹⁰ Matéria divulgada pela Folha Mercado em 31/5/2018.

¹¹ Publicação feita pelo Estadão em 26/5/2018.

Conforme havia a evolução temporal, notou-se também, que os cadernos passaram por algumas pequenas transformações, como: Título, linguagem menos rebuscada de economês, mais aprofundamento na cobertura dos fatos, maior organização gráfica na diagramação dos periódicos e maior utilização de artes e imagens para ilustrar e ajudar o leitor no entendimento do fato.

Durante as paralisações, as duas editorias produziram, juntas, em torno de 233 matérias. Em 1999, 30 publicações foram feitas. Em 2015, novamente, 30 reportagens publicadas. Já em 2018, o número foi cinco vezes superior, chegando a 173 publicações.

Após o término das paralisações, 51 matérias foram contabilizadas, ao todo. Em 1999, os veículos fizeram 17 matérias relacionadas a greve. Já em 2015, apenas cinco reportagens foram contabilizadas. Três anos depois (2018), foram feitas 29 publicações relacionadas ao tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o conteúdo reproduzido pelas respectivas editorias de forma quantitativa e qualitativa acerca da produção gráfica e linguística dos jornais fora o objetivo dessa pesquisa.

O artigo produzido permitiu identificar avanços estruturais no conteúdo apresentado pelos cadernos de economia do *Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*, em um período de 19 anos (1999-2018).

Desse modo, essa pesquisa reuniu informações que poderão servir como base para novas pesquisas e artigos futuros no âmbito da editoria econômica do jornalismo.

6 REFERÊNCIAS

ARTIGOS

GOTTLIEB E PAVARINO, Ane e Rosana. **O Jornalismo Econômico: uma necessidade social**. Brasília, 2010.

JACOBINI, Maria Lucia de Paiva. **O Jornalismo Econômico e a Concepção de Mercado: uma análise de conteúdo dos cadernos de economia da Folha de S.Paulo e O Estado de S.Paulo**. São Paulo, 2008.

LIVROS

CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Contexto, 2003.

QUINTÃO, Aylê Salassié Filgueiras. **O Jornalismo Econômico no Brasil depois de 1964**. Rio de Janeiro: Agir, 1987

SITES

Acervo, Estado de S. Paulo.

<<https://acervo.estadao.com.br/>> Acessado em 1.dez.2018 às 13:15.

Acervo, Folha de S. Paulo.

<<https://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/>> Acessado em 30.nov.2018 às 22:45.

Constituição Federal, Ato Institucional Nº 5.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm> Acessada em 3.nov.2018 às 15:20

Inflação e dívida pública explodiram no Brasil ao final da ditadura militar, R7. Disponível em: <<http://www.r7.com/r7/media/2014/20140331-info-ditadura/20140331-info-ditadura.html>> Acessada em 3.nov.2018 às 17:15.